

Endereço: Rua do Carmo, n.º 43, sobreloja

Local: Consultório de Madame Brouillard

Descritivo: Entre a credence e a superstição – a voz feminina

Desde tempos imemoriais se relatam episódios mais ou menos fantásticos em que a solução para doenças da alma e do corpo se procura recorrendo não à ciência, mas a outras artes. A(o)s curandeira(o)s, cartomantes, advinha(o)s preenchiam muitos recantos desta cidade, como também nas aldeias e vilas se podiam encontrar. Fosse como alternativa à medicina tradicional, ainda muito incipiente e inoportuna para as bolsas da maioria da população, fosse ainda fruto de credences e superstições que a educação e a cultura ainda não tinham travado, proliferavam.

As rezas, mezinhas e benzeduras eram mais que muitas e a formação do Grupo das Treze¹, em 1911, disso mesmo dá conta ao pretender combater a ignorância, as superstições, o obscurantismo, o dogmatismo religioso e o conservadorismo que afectavam a sociedade portuguesa e impediam a libertação das consciências.

Contudo, também outras vozes se fizeram ouvir contra tais práticas. Adelaide Cabete, que desde a primeira hora se unira aos revolucionários republicanos, não dá tréguas às quiromantes, às práticas obscurantistas capazes de inquinar o progresso emancipatório dos povos. Assim, vemo-la brandir a espada da ciência e da argumentação contra Madame Brouillard a quem chama pelo nome, revelando inclusive moradas. Esta quiromante, com anúncios espalhados pela imprensa, ocupando mesmo a republicana e feminista, ao longo de décadas, ombreava com os anúncios de consultórios de médicos e médicas diplomadas.

O jornalista Carlos Ferrão chega a denunciar que o ditador João Franco era cliente assíduo desta famosa quiromante, Madame Brouillard, a qual recebia diariamente, em horário alargado, das 9 da manhã às 11 h da noite, no n.º 43 – sobreloja, na movimentada Rua do Carmo, aos preços módicos de 1\$000, 2\$500 e a 5\$000 réis.

Jornais da época referiam-se a Madame Brouillard nestes termos:

A célebre Madame Brouillard, que fez uma fortuna em Lisboa, em pleno Chiado, era uma criatura de rara inteligência. Podia manter com as suas clientes uma conversa de mais de uma hora, falando-lhe do passado, e nunca conduzia a conversa de forma a deixar na consulente uma impressão de mentira ou falsa ciência.

Uma médica célebre (e ainda viva), disfarçada, procurou um dia Madame Brouillard. Falou-lhe de amores mal correspondidos e de outras queixas banais. Madame Brouillard, que a reconheceu, fez-lhe uma prelecção cheia de espírito, não se dando por achada, mas causticando a médica de tal forma que ela saiu vexada – e predisse-lhe vários acontecimentos trágicos – entre eles que não conseguiria

¹ O Grupo da Treze era constituído por Adelina Marreiros, Ana Augusta de Castilho, Antónia Jesus da Silva, Berta Vilar Coelho, Carolina do Nascimento A. Neves, Carolina Rocha da Silva, Ernestina Vitória P. Santos, Filipa de Oliveira, Honorata Dias de Carvalho, Judite Ponte Rodrigues, Lenia Loyo Pequito, Lúcia Solano de Oliveira, Maria da Madre de Deus D. de Almeida, Maria Veleda, Maria Assunção da Silva.

dormir na noite desse dia. Os acontecimentos, todos eles tragicômicos, apegavam-se à medicina ferozmente positiva e realista.

A verdade é que essa médica e professora ainda hoje fala em Madame Brouillard com admiração. E julgam, vocês, que era alguma senhora francesa e de grande educação a célebre bruxa do Chiado? Não senhor. Tratava-se simplesmente duma boa pequena de Aveiro, que começou por criada de servir.²

Não será de estranhar que a médica republicana e feminista, com consultórios nas imediações, desde que começara a exercer, desse conta das inúmeras movimentações desta «concorrente». O modo como o faz é revelador de uma preocupação social muito vinculada, pois insurge-se contra o logro em que caem as populações mais vulneráveis, cultural e socialmente:

Creemos referir-nos ao número, relativamente grande, de Nigromantes e Adivinhas, [...] Os que mercadeiam com as fraquezas morais não podem merecer a tolerância das leis dum país que está fazendo a Obra do seu ressurgimento moral.

Na Capital, e nas suas artérias aristocráticas, oferecem publicamente os seus serviços de carácter político e moral, e ainda quase com atribuições clínicas, criaturas como M.me Brouillard, que tem a sua clientela de indivíduos duma roda escolhida, e de bolsa bem recheada, que, pela informação dos jornais de maior publicidade.³

No *Almanach das Senhoras de 1913*, podia ler-se o seguinte anúncio:

O passado, presente e futuro revelado pela mais célebre quiromante e fisionomista da Europa.

Diz o passado e o presente e prediz o futuro com veracidade e rapidez; é incomparável em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciências, quiromancia, frenologia e fisiognomonia e pelas aplicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lombroso e de Arpentigny.

Madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e América, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem pedisse a queda do Império e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala português, francês, inglês, alemão, italiano e espanhol. Dá consultas diárias das 9 horas da manhã às 11 da noite, em seu gabinete, 43, Rua do Carmo, sobre-loja. Consultas a 1\$000, 2\$500 e 5\$000⁴.

Texto: IL

² “Bruxas e quiromantes”, *Notícias Ilustrado*, 1935.

³ Carta de Adelaide Cabete dirigida, em Março de 1911, à Loja Obreiros do Trabalho, denunciando a superstição e a credulidade que a Maçonaria deveria combater, assinando com o seu nome simbólico, na qualidade de Venerável. (N47, Cx1, BN).

⁴ “Livros e Consultas – por Madame Brouillard”, Lisboa, p. 340.